

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº 3 / Julho / 88

"E HOJE É JÁ OUTRO DIA"

E hoje é já outro dia. Certo. Real. Grande.

Caminhou-se da expectativa, da aposta e da incerteza para a realidade do conseguido.

O Instituto Politécnico da Guarda tomou uma maior dimensão. Ganhou o seu espaço próprio; arrelgou-se no meio físico, social e intelectual; impôs-se como centro de saber, pensar e de fazer. O Instituto Politécnico da Guarda corresponde já às expectativas daqueles que o justificam - os estudantes. Por isso se tornou grande. Control-se hoje o amanhã que não tarda.

"Educação e Tecnologia" é hoje, no final de mais um ano lectivo - testemunho precioso de uma realidade pautada pela dinâmica que é também o apanágio desta Escola. E porque emerge do centro da vida do Instituto Politécnico da Guarda reflecte-a, naturalmente, também na sua autenticidade social e académica. Como espaço aberto, é dinâmica. Porque é dinâmica, é variada e polivalente. Pretendíamos que o fosse; sabemos que é. Estamos certos que continuará a sê-lo.

**"E outra vez conquistemos a distância --
Do mar ou outra, mas que seja nossa"**

(Fernando Pessoa)

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do I.P.G.

ALMADA NEGREIROS E O FUTURISMO EM PORTUGAL

José Luis C. Lima Garcia — Professor da E.S.E.G.

O presente trabalho faz parte de um conjunto de três artigos oportunamente a publicar nesta Revista, sobre a instauração do futurismo em Portugal, como uma das correntes vanguardistas da nossa Arte Contemporânea.

Para além da análise doutrinária desta corrente modernista, procuraremos ao longo dos artigos em causa, realçar o papel que Almada Negreiros e os elementos da chamada geração dos "desequilíbrios cerebrais", como Amadeu de Sousa Cardoso, Santa Rita, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, tiveram no eclodir do futurismo em Portugal.

Assim, começaremos neste primeiro artigo por traçar o perfil biográfico de Almada Negreiros, fazendo num segundo artigo a caracterização da geração de outros modernistas seus contemporâneos e finalmente num terceiro artigo, realçaremos o papel panfletário deste artista, na origem de manifestos e ultimatos futuristas às gerações de portugueses, que viveram os primeiros e atribulados anos do presente século.

E porque o centenário do nascimento do artista se aproxima, prevendo-se para 1993 as suas comemorações oficiais, procuraremos realizar até lá, uma antologia sobre os principais escritos doutrinários deste autor, relacionados com o vanguardismo futurista.

Para além da homenagem justa a uma das grandes personalidades portuguesas deste século, incompreensivelmente menos mitificada que Fernando Pessoa, procurarão estes trabalhos tornar mais conhecida perante as novas gerações, uma personagem, que pela finura da sua personalidade de artista multifacetado, num contexto histórico de final de século, conseguiu revolucionar os padrões estéticos estereotipados, de uma burguesia nacional, parada no tempo, desde a implantação do romantismo, nos primeiros anos do século passado.

ALMADA: O PERFIL BIOGRÁFICO

' DO ARLEQUIM DO QUADRADO AZUL '

Cumprindo a lógica do aforismo alemão de que " todo o princípio é sempre difícil ", Almada Negreiros allou à dificuldade natural do seu nascimento, a lonjura do enquadramento geográfico onde o evento se produzira.

Deste modo, no dobrar do século XIX (1893), Almada despertava para a realidade terrena, na luxuriante ilha de S. Tomé, resultando do grito primeiro de vida, um amplexo híbrido e explosivo de genes, que o condenariam a trazer no sangue e no nome os referenciais geográficos de cada um dos continentes dos seus progenitores.

A mãe, uma africana de S. Tomé, produto genuinamente autóctone de uma certa aculturação, que o colonialismo português sempre ia permitindo entre os colonos, que iam trabalhar para a ilha, conforme também o que viera a acontecer com o progenitor do artista, um funcionário colonial ali colocado o tempo suficiente para deixar as raízes em dois filhos, frutos do apregoado luso - tropicalismo, defendido posteriormente pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freire.

Precocemente afastado da mãe, por morte prematura desta, Almada conservou desta experiência traumatizante um forte complexo de Édipo, que aliás revelou nalgumas das passagens dos seus escritos, nomeadamente quando refere " se tua mãe fosse viva não tinhas tu um galgo que te lambe as mãos.

O galgo lambe-te as mãos por tua mãe ter morrido. Se tua mãe não tivesse morrido com pena de te deixar, o galgo não te lambia as mãos. " (1)

Esta carência pelo afecto materno revelara-se ainda noutro passo da sua obra, quando afirmava que a conjugação do verbo "Amar" será igual a " A + M + A + R. Primeiro um A, o primeiro A de amar. A seguir um M, o único M de amar. Depois um outro A, o segundo A de amar. E por fim um R, o R do fim de amar. " (2)

Sem mãe, com o pai funcionário colonial sempre ausente e com os avós e os tios a enjeitar a responsabilidade da educação de Almada e de um seu irmão, estes tiveram como destino a educação num colégio de Jesuítas, durante dez anos, entre 1900 e 1910.

Aí segundo contava gastou " mais de três anos do que os necessários para os sete dos liceus. A explicação era a de ter sido inúmeras vezes apanhado em flagrante pelos professores a fazer bonecos nas aulas, às escondidas. Muita descompostura, muito tabefe, muito castigo eu tive por causa dos malditos bonecos!

Mas a verdade é que uma vez chegado à vida a minha pena

(1) - Negreiros, Almada, *K4, o Quadrado Azul, Contos e Novelas*, Lisboa, 1970, p. 27

(2) - *idem*, p. 33

foi a de não ter perdido antes sete anos do liceu por causa dos três anos de bonecos! " (3)

Nesse período se forjou, então, o destino do artista, à custa de muitos castigos e de três anos de insucesso escolar.

Na verdade a repressão fora o melhor estímulo para Almada se afirmar no campo da Arte.

" ... De modo que diante das sete portas por onde se entra para a vida eu enfiei sem hesitação por aquela que tinha em cima estas quatro letras A, R, T, E. Só depois de entrar é que reparei que, apesar de se nascer artista como se nasce com os cabelos encaracolados ou de olhos azuis, a Arte tinha ainda muito que se lhe dissesse e sobretudo Ela que dizer aos artistas natos ... " (4)

Arte congénita, que não renegava uma aprendizagem com a realidade da vida terrena, que o artista não conhecia, por ter vivido enclausurado durante dez anos, segundo os princípios rígidos dos Jesuítas.

Em 1911, Almada começava pela primeira vez a publicar os seus desenhos em diversas publicações, entre as quais se destacava a revista " Sátira " de Lisboa.

Participou em 1912 na 1ª. Exposição do Grupo de Humoristas Portuguesas, que lhe proporcionou de Veiga Simões, um colaborador da revista " Águia ", palavras atentas sobre o estado ainda " primaveril " do artista.

" Perpassa por todo ele um sopro de graça adolescente, de quem vive gritando as coisas com sorrisos leves, sobre elas passando leve, deixando após de si um sulco de ironia. " (5)

Em 1913, participava, entretanto, numa 1ª. Exposição individual com cerca de 90 desenhos, que na opinião do poeta Fernando Pessoa, companheiro de geração da revista " Orpheu ", se tratavam, no fim de contas, de " sorrisos do seu lápis ".

Almada procurava, assim, com estas primeiras exposições encontrar o traquejo necessário ao seu trabalho de desenhador, juntando a este desiderato a possibilidade " voyeurista " de se mostrar e ser mostrado.

" Sediado na rua do Alecrim Almada delimita o território com uma impaciência que tanto poderia ser de vertigem, como de fuga, a um qualquer segredo, galga Chiado acima, a espantar os transeúntes na indumentária e nos modos, as pernas esgulas saltando, de uma só vez, três mesas de a " Brasileira ", estourando noites na inebriante ambiguidade do "Bristol-Club." (6)

Era, assim, numa impaciência de galgo, em ânsias de auto-afirmação, que Almada mordía a mundanidade pacóvia do Chiado lisboeta, mostrando-lhes na indumentária e nos modos de bailarino e rufia de noites canalhas em clubes de moral duvidosa, o seu inconformismo de artista nascido em pais tão esotérico.

(3) - Negreiros, Almada, *Textos de Intervenção*, Obras Completas 6, Lisboa, 1972, p. 59

(4) - *Idem*, p. 59

(5) - Melo, Alexandre, " Algumas datas para Almada Negreiros ", in *Jornal Expresso*, de 14 de Julho de 1984, p. 38 R

(6) - Ferreira, A. Mega, " Almada Negreiros, o Nome, o Chão e o Espelho ", in *o Mundo, Jornal da Exposição*, Lisboa, 1984, p. 2

E era com estes modos insolentes, que Almada procurara levar os seus concidadãos mais próximos a revoltar-se " ... sempre com essa fatalidade, que impede os Portugueses de viverem Portugal na Europa ". (7)

Em 1915 o artista começava, então, uma outra fase, na sua polifacetada carreira publicando na revista " Orpheu " doze curtas situações, a que chamou " Frizos ".

No mesmo ano escreveu a " Cena do Ódio ", durante os três dias e noites, que durou a revolução de 14 de Maio em 1915, numa diatribe magistral sobre o narcisismo.

" Ergo-me Pederasta apupado de imbecis, Divinizo-me Meretriz, ex - Libris do Pecado, e odeio tudo o que não Me é por me rirem o Eu ! " (8)

Em " K4, o Quadrado Azul ", texto que Almada intitulou de "Poesia Términus diz-se Aqui o Segredo do Génio Intransmissível ", o artista panfletou à maneira futurista o conceito em moda, na altura, sobre a Velocidade.

" A Velocidade move-se por entusiasmo e nunca descarrila na Felicidade. Eu penso mais depressa que a invenção do aparato da caneta. " (9)

É esta obsessão pelo querer viver depressa demais, que o vão levar a produzir em catadupa textos como " Mima Fataxa " e os " Saltimbancos ", este último, aliás, inserto na única edição da revista " Portugal Futurista ", publicada em 1917.

Enquanto em " Mima Fataxa " Almada trabalhou a temática humana através de " uma sinfonia cosmopolita e apologia do triângulo feminino ", nos " Saltimbancos " procurou descrever a vida pouco rotineira e cheia de contrastes do circo.

Mas é nos " Manifestos " e " Ultimatots " futuristas, que Almada Negreiros tocou as " buzinas " da insolência e da provocação, ensaiando numa pedagogia de " avant - garde " a guerra contra a " resignação ", o " fatalismo ", a " insípidez ", a " incompetência ", a " indiferença ", a " impotência " e a " imbecilidade ".

Num remate desafiador e megalómano, o artista concluía no " Ultimatum " da necessidade de se " criar a Pátria Portuguesa do Séc. XX. "

Em 1918, na sequência do seu interesse pela velocidade e pelo ritmo e no cumprimento da sua máxima de que " o lugar de um homem é aí, no centro do Universo - o centro do Universo é no espaço preenchido pelo corpo de um Homem " (10), Almada dirigiu e quis dançar " a princesa dos sapatos de ferro " e " o jardim de Pierrette " no Teatro de S. Carlos.

Com o mesmo ar desabrido e elegante que se lhe conhecia, posa nú para a fotografia, num puro prazer de esteta que se auto - retrata não por " exercício de mão, mas por obsessiva forma de se ver. "

Mas aos poucos toda esta fúria de viver em " futurista velo-

(7) - *Idem*, p. 2

(8) - Negreiros, Almada, *Poesia, Obras Completas 4*, Lisboa, 1971, p. 20

(9) - Negreiros, Almada, *K4, o Quadrado ...*

(10) - Ferreira, A. Mega, *ob. cit.*, p. 2

cidade " se vai reciclando, com o desaparecimento trágico de alguns companheiros de geração.

Sá Carneiro suicidou-se em Paris em 1916, Santa Rita e Amadeu de Sousa Cardoso morriam em 1918.

Passava então a ser difícil " ... manter revistas independentes, publicar em grandes jornais, difícil fugir ao apelo das intrigas entre os íntimos, " (11)

Para descansar da fúria dos anos loucos, Almada vai cumprir por uns tempos na cidade de Paris o fado português da emigração, lá na cidade do " sangue verde esmeralda ", (12) que ele queria também cantar e sentir.

No seu exílio voluntário na " cidade luz " escreveu também a " Histoire du Portugal par Coeur ", obra que lhe permitiu revelar os maiores sentimentos de nostalgia pela pátria ausente, como o demonstravam, aliás, algumas das ideias que passamos a transcrever.

" A arte não vive sem a Pátria do Artista, aprendi eu isto para sempre no estrangeiro " (13), ou quando afirmava que " Nous avons tous les fleuves dont nous avons besoin: Le Taje en est le plus grand: il est né en Espagne, comme d'autres, mais il n'a pas voulu y rester. " (14)

Em 1920, Almada regressava, entretanto, a Portugal e recomeçava febrilmente a sua actividade literária e artística publicando incessantemente em revistas como " Contemporânea ", "Athena" e em jornais como o " Diário de Lisboa " e o " Sempre Fixe ".

Nesta mesma altura, publicava também duas obras, a " Invenção do Dia Claro " e " Nome de Guerra ", explicitando nesta última obra que o autor não era forte em ciência, e que por isso as suas obras nada teriam de científico.

A boémia espalhafatosa continuava a atraí-lo ao " underground " lisboeta, onde continuava a fazer jus ao facto de que "... não estar bebido no meio de bêbados é tão indecente como estar bêbado no meio de gente final ... " (15)

E assim com esta forma especial de encarar a vida, Almada continuava a pintar e a colaborar em exposições, quer de independentes, quer nos salões de Outono de 1923, 1925, 1926. Ao executar as suas obras, o artista tinha plena consciência da função, que o objecto acabado tinha na sociedade onde estava inserido.

" Estas duas palavras Arte e Artista estão à mercê das deficiências e barbarismos de quantos as hão-de usar, do lado público e do lado particular, precisamente como se elas não fossem essencialíssimas na vida dos povos e dos indivíduos. " (16)

Entre 1927 e 1932 Almada Negreiros tornava de novo à emigração, mas agora sem ter que sair da Península Ibérica.

(11) - Pinharanda, João, " Almada: tempos de Arlequim " in *Jornal de Letras*, nº. 106, Julho de 1984, p. 4

(12) - Negreiros, Almada, *Poesia*, Lisboa, 1971, p. 67

(13) - Melo, Alexandre, *ob. cit.* p. 36 R

(14) - Negreiros, Almada, *Poesia*, Lisboa, 1971, p. 102

(15) - Negreiros, Almada, *Nome de Guerra*, Romance, Obras Completas 2, Lisboa, 1971, p. 43

(16) - Negreiros, Almada, *Textos de Intervenção*, Obras Completas 6, Lisboa, 1972, p. 103

Em Madrid, o artista trabalhou, entretanto, quer no arranjo visual e plástico de salas de espectáculos, quer em trabalhos individuais, que depois expunha na " Union Ibero - Americana ".

Também publicou colaboração literária dispersa em jornais e revistas, como também escreveu peças de teatro, entre as quais se destacaram o " Deseja-se mulher " e o " SOS ".

A década de trinta virá a ser uma década de acomodação do artista ao sistema político então vigente, apesar de ténues reminiscências futuristas passadas, que tivera oportunidade ainda de sustentar com Marinetti, o profeta desta corrente vanguardista em Itália, aquando da visita daquele artista a Lisboa.

Em termos ideológicos, iria começar uma outra fase, como sempre polémica, que o artista assumira com a sobrançeria e o espírito autónomo de que sempre se reivindicara.

Os conceitos de Arte e Política são dois binómios que se casam ou divorciam, conforme as tonalidades ideológicas dos aparelhos estatais que representam.

Neste sentido Almada Negreiros tinha-se demarcado, afirmando em " Sudoeste " que " Entre Arte e Política não há oposição nem tão pouco é possível rivalidade.

A rivalidade dá-se entre as diversas opiniões políticas ou entre as várias opiniões da Arte. O Político só poderá ser rival de outros políticos e o artista de outros artistas ... de modo que ao intervir cada qual na vida comum por imperiosidade de momento colectivo e individual, fá-lo-á exclusivamente à sua maneira pessoal e tomará partido livremente, por sua vontade ou simpatia, interesse ou convicção, ou então por aluvião místico do colectivo. " (17)

Em 1938 e em consonância com os referenciais acima expressos, pintava os vitrais da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, padroeira mitológica do regime corporativista do Estado Novo, bem como os frescos da nova sede de um dos jornais oficiais do regime então vigente - o Diário de Notícias.

Mas nem toda a " intiligentzia " corporativista compreendera a mensagem artística de Almada e assim, os frescos executados para os Correios, Telégrafos e Telefones de Aveiro acabaram por ser destruídos, porque na altura os acharam demasiado feios.

Em 1941, Almada entrava no meio século de existência e aliado a esse facto, consagravam-se os seus trinta anos de actividade artística.

A este propósito a consagração do artista fizera-se com uma Exposição retrospectiva dos seus desenhos, bem como com a publicação de grandes encómios de figuras gradas ao regime do Estado Novo, como poderemos constatar pelas palavras de palavras de Cottinelli Telmo na " Acção ", um dos veículos de " mass media " do regime corporativista.

Deste modo Telmo afirmava que não havia ilusão possível quanto á " ... unanimidade da opinião pública a teu respeito; o

[17] - Negreiros, Almada, *Ensaíos I, Obras Completas 5*, Lisboa, 1971, p. 51

que se criou foi o hábito novo de te considerarem, em vez do hábito antigo de descrerem de ti, de te temerem, de não te tomarem a sério. " (18)

Em 1945, o ministro Duarte Pacheco dava luz verde a Almada Negreiros para a realização dos frescos das Gares Marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos.

Sobretudo as pinturas do segundo cais - " A partida dos Emigrantes " e " Domingos Lisboa " constituíram um impressionante friso de personagens policromadas, apesar de as atribuições sofridas pelo artista com uma comissão, que pretendia acabar com todos aqueles saltibancos indesejavelmente representados.

Finalmente Almada encaminhara-se para o seu quarto estágio vivencial e artístico, procurando neste caminho evolutivo de uma " geometria visionária " definir o sentido do " ... Portugal sem os portugueses, para ensinar estes a coincidir com aqueles " (19)

Em 1944 sobre o patrocínio do " Diário de Notícias " o artista partia à descoberta da personalidade de Homero, nos meandros da cultura clássica grega e ocidental.

Esta incessante busca pela " harmonia perfeita " e o périplo que empreendera entre o percurso do sensível e do inteligível, levaram-no às pinturas geométricas abstractas, que viria a expor no final de 1957 na 1ª. Exposição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Ao mesmo tempo e num estertor de vitalidade, Almada ainda tivera disponibilidade e criatividade para apresentar cartões para a Exposição de Lausanne (1958), decorações para o Hotel Ritz (1959), para a cidade Universitária de Lisboa (1961) e para a Faculdade de Ciências de Coimbra (1969).

Nesse mesmo ano, com uma fé enorme no abstraccionismo, o artista executava o painel " Começar " para figurar no átrio da sede de uma nova instituição cultural do país, a Fundação Calouste Gulbenkian.

Com esta obra cumpria-se um percurso vivencial de quase oitenta anos de polémicas e polifacetadas intervenções de e pela Arte.

Restavam-lhe as consagrações hipócritamente tardias de um regime, que o pretendia adoptar como personagem oficial de uma arte, que muitos dos seus prosélitos não compreendiam por ser demasiado vanguardista, para um Estado demasiado insensível à pluralidade imaginativa daqueles que, como Kafka objectara, não necessitavam de um apoio para fazer (re) criar um imaginário então e agora, sempre omnipresente.

Deste modo em 1965, cinco anos antes de morrer, fora nomeado Procurador à Câmara Corporativa, na subsecção de Belas Artes, lugar, aliás, que nunca desempenhou, por não ter assistido a qualquer reunião da Câmara Corporativa.

Em 1967 recebia o grande oficialato da Ordem de Santia-

(18) - França, José Augusto, *Almada, o português sem mestre*, Lisboa, 1974, p. 135

(19) - Pinharanda, J. *ob. cit.*, p. 5

go de Espada e em 1969 a consagração popular nacional com o programa televisivo " Zip - Zip. "

E finalmente em 1970, ano da sua morte, o seu quadro de 1954 com o retrato de Fernando Pessoa atingia em leilão a vultuosa quantia de 1 300 contos.

Era a consagração derradeira de quem, o esfumar do tempo longo e agitado, se levava retrospectivamente a interrogar sobre o contributo dado à Arte portuguesa do século XX, nas décadas que antecederam o ano da sua morte.

" Mãe ! Eu não sei nada !

Eu não me lembro de nada !

Ah, lembra-me ! Lembro-me de ter ajudado a levar pedras para as pirâmides do Egipto. " (20)

E se as pirâmides do Egipto eram grandes ! Grandes do tamanho da personalidade e da obra deste nobre pedreiro da Contemporaneidade artística portuguesa.

[20] - In, *Jornal das Letras*, n.º. 106, p. 8